

**Mostra Tela Indígena – 13 a 18 de setembro de 2018, Cine Capitólio,
Porto Alegre, RS, Brasil. E outros comentários sobre filmes indígenas
contemporâneos no Brasil.**

**Indigenous Screen Showcase - September 13 to 18, 2018, Capitolio
Theater, Porto Alegre, RS, Brazil. And other comments on
contemporary Indian films in Brazil.**

Eloína Prati dos Santos¹

Submetido em 20 e aprovado em 30 de novembro de 2018.



O cartaz de divulgação da atividade apresenta desenho gráfico de Daniel Eizirik e Daniel Kuaray Papa, a partir de atividades na Tekoa (aldeia) Jata'ity do Cantagalo/Viamão, RS. Uma realização da Produtora Pátio Vazio, com financiamento do Ministério da Cultura e apoio do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais da UFRGS, com curadoria de Ana Letícia Meira Schweig, Carmem Guardiola, Eduardo Schaan, Georgia Macedo e Marcus Wittmann. Todos os membros da equipe são pesquisadores associados ao NIT UFRGS.

Depois de assistir a alguns dos filmes *da Mostra Tela Indígena* deste ano, iniciei uma resenha da atividade por ela chamar a atenção para estas ricas e variadas culturas que convivem conosco e ainda são pouco visíveis para os não índios no Brasil. Depois de procurar informações sobre o Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e

Tradicionais da UFRGS e sobre mais alguns dos filmes, surgiram indagações sobre a presença dos filmes canadenses, apenas dois, fora do contexto América do Sul, de interesse para a *Interfaces*, uma revista sobre estudos brasileiros e canadenses em suas relações de intercâmbio cultural, e para mim, por ter participado como debatedora de algumas das *Semanas de Cinema Canadense* promovidas pelo NEC FURG, na cidade de Rio Grande, coordenadas pelas Doutoras Sylvie Dion e Rubelise da Cunha². Comecei pesquisando sobre o NIT- UFRGS, buscando resenhas, críticas e até revendo *online* alguns dos filmes.

Início com informações sobre o Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais, onde surgiu a ideia da mostra e promotor das duas primeiras edições. Depois percorro a *Mostra*, destacando vários filmes dentro das sessões temáticas e os dois filmes canadenses; a seguir indico filmes indígenas brasileiros recentes e de fácil acesso em alguns canais de televisão ou em plataformas digitais. E não poderia deixar de falar sobre a Cinemateca Capitólio e sua importância na cena cultural porto-alegrense. A maior parte das informações sobre os filmes, técnicas, diretores, etnias e regiões brasileiras foram extraídas, dos sites indicados nas referências, o que certamente responde pela falta de padronização dos comentários, alguns dos cineastas, outros de jornalistas ou críticos de cinema, indígenas e não indígenas.

Marcus Wittmann, do grupo de curadores, gentilmente esclareceu, pelo email reproduzido abaixo, indagações sobre a escolha dos filmes e seu agrupamento na *Mostra*.

[...] a participação dos filmes Canadenses, assim como os de outros países, não foram fruto de nenhum contato mais institucional *da Tela* com outras mostras ou festivais. Como ainda estamos nas primeiras edições, ainda não conseguimos uma relação mais forte com outras dessas iniciativas.

A seleção e exibição dos dois filmes canadenses se deu devido ao sistema de curadoria que fizemos. Em um primeiro momento abrimos para inscrição de filmes, com divulgação via internet e outros meios, e em um segundo momento fizemos uma extensa lista de filmes indígenas que pesquisamos (de todas as Américas) e convidamos para se inscrever na *Mostra*.

O filme *Kwanxala - Thunder* nós descobrimos a partir do catálogo do *Festival Cine Kurumin*, já *O Velho e o Rio* foi pelo site *wapikoni.ca*, no qual constam diversas produções audiovisuais indígenas canadenses.

A curadoria da *Mostra* teve como critério de seleção, de modo geral, filmes que pudessem compor tematicamente uma sessão. *O Velho e o*

Rio entrou na sessão Curtas na Tela, que apresentava um panorama do cinema Indígena feito nas Américas, desde animações, documentários até ficções. Já *Kwanxala*, na sessão Índios em Movimento, foi para falar de ações e movimentos políticos e culturais feitos por povos indígenas, mas não se restringindo apenas ao Brasil, mas sim mostrar como isso ocorre em outros países das Américas.

Nós avaliamos muito bem a receptividade desses filmes na Mostra, conseguindo mostrar uma realidade e um panorama desconhecido para muitas pessoas sobre os povos indígenas na América do Norte, além de fazer uma comparação interessante com a situação brasileira. (WITTMANN, NIT UFRGS, 16/10/2012)³

A pesquisa sobre sociedades indígenas e tradicionais iniciou na UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - a partir da década de 1950. Ao longo da década de 1980 as pesquisas etnográficas sobre populações indígenas e tradicionais tiveram seguimento com dissertações de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e teses de doutoramento no exterior. Na década de 1990, a contratação de professores especializados em Etnologia Indígena pelo Departamento de Antropologia reforçou o estudo da temática dentro da UFRGS e consolidou um perfil de atuação científica e técnica através de laudos antropológicos em relação à regularização de terras indígenas, entre outros temas. O NIT - Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais⁴ - foi criado em 1993 com o objetivo de articular projetos antes isolados, de maneira a criar um espaço institucional de reflexão coletiva sobre as coletividades indígenas e de camponeses, além de possibilitar a criação de condições físicas e de infraestrutura para elaboração e execução de projetos de professores, alunos da graduação e da pós-graduação da UFRGS, além de professores de outros departamentos e de outras universidades.

A *Mostra Tela Indígena* teve início em 2016 com encontros mensais na Sala de Cinema Redenção, dentro do Campus Central da UFRGS. Em 2018, sua terceira edição foi recebida pela Cinemateca Capitólio entre 13 e 18 de setembro, com sessões vespertinas e noturnas, conversas e atividades com diretores, artistas, filósofos/as, anciãs/ãos e lideranças políticas de várias etnias, com algumas sessões na Sala Qorpo Santo, no Campus Central da UFRGS e palestra no IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - no Campus do Vale.

A *Mostra* foi dividida em Curtas, Cineastas Guarani, Cultura e Existência e

Índios em Movimento, com índios das etnias relacionadas aos filmes presentes para uma conversa com os espectadores ao final de algumas sessões. Além de 27 filmes de 4 países, Brasil, Argentina, México e Canadá, de 12 estados brasileiros e de 17 etnias, entre longas, curtas, animações e documentários. Uma sala da Cinemateca recebeu atividades artísticas: Instalação Mborai e Jerojy Mbyá-Guarani, canto e dança Mbyá-Guarani e exposição com telas de Denilson Baniwa e Daniel Kuaray Papa, além de oferecer a todos os participantes a oportunidade de contato com as famílias indígenas que se fizeram presentes nas salas do térreo do prédio e na sala de projeções, uma das ideias principais da Mostra, de não apenas exibir os filmes, mas estar em uma sala de cinema com indígenas na plateia, nos debates, junto do público. Os índios brasileiros vivos e presentes, com suas línguas, culturas e tradições, vivendo na mesma cidade, no mesmo estado, no mesmo país que todos nós não indígenas.

Denilson Baniwa nasceu em Rio Negro na aldeia Darí, que mais tarde ficou conhecida como comunidade Baturité/Barreira. Atualmente sua arte mais famosa está no Museu de Arte do Rio, RJ, na exposição Dja Guata Porã e se chama *Cobra do Tempo*, uma serpente baseada no mito da Cobra-Canoa que mede cerca de 75 metros, ocupa duas salas do Museu e já foi vista por mais de 104 mil pessoas nos cinco primeiros meses de exibição. Artista visual, ilustrador e designer, segundo ele,

...devido a um privilégio de ter acesso aos meios acadêmicos e meios de produção ocidental pude criar um discurso que une o contemporâneo ao tradicional criando a minha identidade enquanto artista.

Não sou um artista indígena, sou um artista de múltiplas perspectivas que nasceu indígena.

Meu objetivo é potencializar boas e novas ideias, sejam indígenas ou não, mas que provoquem um pensar sobre toda a condição que indígenas foram obrigados a enfrentar desde 1500 e a nossa resistência ao longo dos tempos.⁵

A palestra de abertura, em 13/09, foi feita pela Kujá (xamã) Iracema Gãh Teh Nascimento, uma liderança indígena reconhecida numa porção territorial considerável, que percorre a bacia do Rio Guaíba, do Rio Uruguai até o oeste do Estado do Paraná, no Sul do Brasil meridional. Desde sua chegada à cidade de Porto Alegre/RS, no início dos anos 1990, ela procura mediar desacordos e desentendimentos ocasionados pelos órgãos

do Estado brasileiro: aos usos da terra, ao governo dos corpos e à insistente tentativa de controle da população indígena pelos Kanhgág (não indígenas). A lista de pesquisadores que estabeleceram contato com a *Kujá* é longa, tanto em antropologia social quanto em outras disciplinas acadêmicas. Os materiais publicados em forma de monografias, dissertações, teses, artigos, capítulos de livro e filmes, em alguma medida e em certo grau, potencializaram a luta de Iracema e sua parentela naquilo que ela julga urgente: ensinar aos *fóg*, e também aos parentes, a respeitar Ga, a mãe terra.⁶

13/09 Sessão de abertura



A Terra do Povo do Raio⁷

A *Mostra* foi aberta com o filme *Ava Yvy Verá – A Terra do Povo do Raio* (2016), documentário Guarani Kaiowá dos realizadores Genito Gomes, Valmir Gonçalves Cabreira, Johnaton Gomes, Joilson Brites, Johnn Nara Gomes, Sarah Brites, Dulcídio Gomes e Edna Ximenes, coletivo composto por lideranças e jovens da Tekoha Guaiviry (território retomado do povo Kaiowa) no Mato Grosso do Sul. É resultado de um projeto de extensão do Programa Imagem Canto Palavra no Território Guarani Kaiowa da UFMG, sob a coordenação da *professora Luciana de Oliveira*. O filme “é muito mais que um filme etnográfico”, nos explica Fabrício Duque. “É muito mais que um estudo antropológico sobre o comportamento sociopolítico atual dos indígenas que se transmutam mais em seres cosmopolitas. Estes pontos existem e são tratados com relevância. A essência deste documentário é realizar uma denúncia contra os assassinatos destes seres que foram perdendo suas terras, suas raízes e seus lares. É um filme que permite que suas vozes,

seus medos e suas necessidades sejam ouvidas”.⁸

Presentes para uma conversa com os espectadores Jhonn Nara Gomes, Guarani Kaiowá, e José Cirilo Morino, Mbya Guarani.

14/09 Sessão Curtas na Tela

Festa dos Encantados, animação Guajajara, MS, de Masanot Ohashy; *La Canoa de Ulysses* (Argentina), de Diego Fió; *O velho e o Rio*, animação Atikamek (Canadá), de Steven Chilton; *Bisi Etmpepügü: A chegada da bicicleta*, ficção Kalapalo, MT, de Igahoka Matipu Kalapalo, Orlandinho Kalapalo e Yuahula Kalapalo; *Osiba Kangamuke – Vamos lá criançada*, documentário Kalapalo, MT, de Yahula Kalapalo, Tawana Kalapalo, Thomas Pedro e Veronica Monachini de Carvalho.

Esta sessão contou com as presenças de Tawana e Yahula Kalapalo para discutir seu filme com os espectadores.

Destaco aqui dois filmes estrangeiros, *La canoa de Ulises* (2015), com apenas 14 minutos, falado em espanhol e guarani, que conta a história de Itaeté e de Ulysses, um ancião e um adolescente guaranis que constroem uma canoa conforme o legado tradicional. O adolescente pouco se interessa, é um rapeiro e seu mundo é a música. A canoa se incendia por acidente e em um descuido Itaeté é mordido por uma cobra coral e morre. O sacrifício do ancião faz com que Ulysses aceite o legado de construir canoas.

A bela animação canadense, *O velho e o rio* (2006), tem apenas 4 minutos de duração que seguem uma encantadora jornada ao longo do rio de um jovem e seu avô. Em Atikamek com subtítulos em inglês. Chilton vive na comunidade de Wemotaci, uma reserva na margem norte do rio Saint-Maurice River, na boca do rio Mauricie, na região do Quebec, Canada. Desde 2006 faz parte do Projeto Wapikoni Mobile, uma organização social baseada em Montreal, Quebec, Canadá, fundada pelo cineasta Manon Barbeau com o First Nations of Quebec and Labrador Youth Network, organização que fornece mentores e treinamento em criações audiovisuais pra jovens indígenas canadenses com o objetivo de criar empregos e oportunidades educacionais para combater os altos índices de suicídio e drogadição. O projeto já produziu 900 curtas e 450 gravações, dando voz a mais de 4 mil jovens indígenas que ganharam cerca de 140 prêmios e menções honrosas

de organizações Direitos Humanos e em festivais de cinema. Chilton aprendeu no Projeto as habilidades de cinegrafista, roteirista, e diretor e em 2009 ganhou o Identity Award no Festival de cine de los Pueblos Indigenas y las naciones sin estado, no Chile.

14/09 Sessão Ex-Pajé

Exibição do documentário *Ex-Pajé, Paiter Sururi*, MT/RO, como filme convidado, por já ter sido exibido em salas de cinema (2018), 81 min, dirigido por Luiz Bolognesi (o filme completo pode ser visto online⁹). Traça a história dos pajés frente ao cristianismo e à colonização que inclui 518 anos de invasão dos territórios indígenas, saques de minérios e madeiras, epidemias que matam 95% da população e a violência simbólica da negação da religião dos pajés. Uma das novidades da sociedade ocidental incorporadas pelos Paiter foi a religião evangélica neopentecostal, como havia feito a Igreja Católica nos séculos anteriores, os pajés logo foram demonizados e proibidos na nova comunidade de convertidos. Dando-se conta da desigualdade de condições na guerra espiritual contra os padres, os pajés escolheram a estratégia da discrição e do silêncio.

Atualmente, não são notadas práticas de xamanismo e os indígenas evitam falar do “tempo dos pajés” (o que não significa que a pajelança morreu), segundo o Prof. Ruben Caixeta. “Por retratar tão bem o drama atual dos povos indígenas, pressionados entre seguir sua religião xamânica ou as igrejas neopentecostais, o documentário deveria ser de exibição obrigatória em todas as escolas e associações indígenas, além de escolas não indígenas, igrejas e universidades,” ele conclui.¹⁰

Conversa com Carlos Papa e Cris Takuá, Guaranis Mbyá ao final do filme.

15/09/2018 Cineastas Guarani

Tekoha Haé Tetã (2018), 18 min documentário Mbyá-Guarani, RJ, Alberto Álvares. A mata (ka’aguy) é condição para existência dos Mbyá-guarani. Por isso, o coletivo audiovisual de jovens Mbyá Comunicação Kuery decidiu fazer um documentário sobre a ka’aguy ouvindo a sabedoria dos mais velhos e registrando as aldeias onde vivem no Rio Grande do Sul. Falar sobre sua importância para a alimentação, a medicina, o artesanato e para a espiritualidade de seu povo.

Ka’aguy Rupa (2017); 28 min., documentário Mbyá-Granari, RS, de Karáí Gerson,

Leopoldino Gomes e Wera Eduardo Ortiz.

Manoá – A Lenda das Queixadas (2000), 17 min, ficção Mbyá-Guarani, SP, de José Alberto Mendes e Carlos PapaMirim Poty.

Conversa com Alberto Alvares, Carlos Papa e Gerson Gomes, Guaranis Mbyá.

15/09 O Dilúvio e a Lagarta



Konãgxeka: o dilúvio Maxacali (2016; 13 min, animação Maxakali, MG, de Charles Bicalho e Isael Maxakali.¹¹

Uma linda animação infantil sobre “a água grande”, ou a versão Maxacali da história cristã do dilúvio, um castigo pela ganância dos homens, punidos pelos espíritos yâmîy. Isael Maxacali, além de diretor cinematográfico de documentários sobre seu povo, é graduado em nível universitário no curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas (FIEI) da UFMG e professor na Escola Estadual Isabel Silva Maxakali, onde também oferece oficinas sobre a cultura Maxakali.

Kakxop Pit Hãmakoxuk xop te yumugãhã – Iniciação dos filhos espíritos da terra (2015), 47 min. Documentário Maxakali de Isael Maxakali.

Conversa com Alexandre Maxakali.

16/09/2018 Terra, Cultura e Existência



Fantasia de Índio (2017), 18 min. Documentário Xukuru, PE, de Manuela Andrade.

O foco de Manuela está na tribo Xukuru, em Pernambuco, por querer entender melhor sua própria ascendência. A partir de uma árvore genealógica criada pelo seu tio, ela resolve aprofundar-se ainda mais nessa pesquisa e constrói em seu filme um fluxo narrativo lírico, um misto de observação, contestação e autorreflexão a partir do que encontra. A cineasta estabelece o contraste da Recife tomada pelo homem branco e a sequência inicial mostra crianças fantasiadas de índio.

Em entrevista a Adriano Garrett, Manuela fala sobre os dois destaques do filme, a fantasia de índios,

Qual o propósito de se fantasiar de índio? [...] Vivemos um momento em que é preciso estar muito consciente dos lugares que se ocupam, o Carnaval também pode ser um lugar de afirmação de posicionamentos políticos, mas não percebo essa intenção quando a fantasia é de indígena.

E as fotos do espelho que esconde o índio que o segura e primeiro reflete a terra indígena e depois, escondendo Manuela, os arranha céus da cidade de Recife,

Os espelhos surgem no filme num momento mais avançado da pesquisa, quando já estava definido que o foco maior trabalhado com os Xukurus seria a cosmologia, a religiosidade. E, para eles, ela está intimamente ligada a uma noção não antropocêntrica do mundo. Para os Xukurus, as matas da serra do Ororubá carregam os espíritos ancestrais. O espelho trazia essa ideia de que eles fazem parte daquele lugar, daquela terra, tanto quanto as árvores,

por exemplo. E essa conexão traz uma sinergia muito bonita que se reflete na forma como eles concebem a agricultura e realizam um trabalho de reflorestamento da área que foi cruelmente devastada por anos de exploração de monoculturas e pela Fábrica Peixe.

Em contraponto, na imagem que eu seguro o espelho na cidade eu procuro propor outra questão. Se somos reflexos do nosso meio, o que nos restou numa cidade repleta de não lugares?¹²

Xeker Jeti: A casa dos ancestrais (2016), 58 min. Documentário Xukury, PE, de Clara Facuri, Fernanda Caiado e Luiza Nascimento.

El Maiz em tiempos de guerra (2016), 88 min, documentário, México, de Alberto Cortez. Um filme sobre a importância do grão para os povos originários do México, através do testemunho de três famílias das culturas Tzeltal, Mixe e Wirárika que retratam a vida dos povos indígenas no México atual, respeitando as tradições e o milho nativo em suas variedades – amarelo, negro, azul, vermelho e branco e sua resistência à introdução do milho transgênico. A partir deste assunto afloram outros como a violência, o feminismo e até a gastronomia, emitidas por personagens com ideias muito bem articuladas.¹³

18/09/2016 Sessão Cine Curumim

Bicicletas de Nhanderú, (2011), 45 min. Documentário de Ariel Kuaray e Patrícia Ferreira.

Uma imersão na espiritualidade e na cultura dos Mbyá-Guarani da aldeia Koenju, em São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul. O filme começa quando um raio atinge uma árvore e o índio mais velho da tribo acredita que seja um sinal de que é preciso rever as atitudes que os membros da aldeia têm tomado. De acordo com sua crença, quando cai um raio quer dizer que Nhanderú, deus que tem Tupã como mensageiro, não está satisfeito com a tribo. Ele acredita ainda que o alerta tenha sido confirmado por um sonho que teve, no qual Nhanderú manda construir uma casa de reza que serviria para que os jovens não se envolvessem com a cultura dos brancos e pudessem meditar e purificar seus corpos, livrando-se do mal. A ideia de filmar o documentário surgiu durante conversas entre o diretor Ariel Ortega e o índio mais velho da aldeia. Durante as gravações, Ariel resolveu investir em dois meninos como personagens principais, e é em torno deles que o

filme se desenvolve.¹⁴

18/09 Sessão Índios em Movimento

Kwanxwala – Thunder (2017), 27 min, Documentário, Canadá, de Sarah Shamash. Vencedor de Melhor Documentário em 2018, foi inteiramente filmado entre os anos 2009 e 2015 em Alert Bay, a reserva Kwakwaka'wakw em uma pequena ilha remota ao norte da Ilha de Vancouver, na Columbia Britânica. Segundo a cineasta, o documentário funde vários formatos – S8, HD, vídeo, material de arquivo e fotos - para recriar a história do futebol feminino na ilha através de gerações de mulheres. A cineasta reconhece a influência de cineastas latino-americanos, entre eles Glauber Rocha e Fernando Solanas, de algumas cineastas chicanas e de Alanis Obomsawin, no Canadá.¹⁵

Índios no Poder: (2015), 20 min, documentário DF, de Rodrigo Arajeju.¹⁶

Este documentário aborda a representatividade indígena no Congresso Nacional, a começar por Mário Juruna (1987/88) - sem representante até as eleições deste ano - os muitos ataques a seus direitos constitucionais e a seus candidatos, como o cacique Ládio Veron, filho de liderança Kaiowa e Guarani, executado na luta pela terra, que foi candidato nas eleições 2014.

Nestas eleições de 2018, os povos indígenas elegeram duas representantes, a ativista Chirley Maria, do povo Pankará, deputada estadual pelo PSOL, primeira mulher indígena a ocupar uma cadeira na Assembleia Legislativa de SP, a maior cidade do Brasil. Joenia Wapichana foi eleita deputada federal pela Rede em Roraima. A primeira mulher indígena a ocupar uma cadeira no Congresso Nacional, única representante dos povos indígenas 30 anos depois de Juruna.

Filhos de Guerreiros (2018), 21 min, documentário, Kaiapó, MT, de Sofia Amaral.¹⁷

Retrata a juventude Kayapó da aldeia de Piaracu, no Parque Indígena do Xingu, entrevista descendentes de lideranças das etnias Beptuke Metuktire e Txucarramãe, netos e filhos de caciques; aborda questões contemporâneas como o racismo e o *bullying*, a vontade de voltar a viver na aldeia e os conflitos entre jovens e velhos caciques e também o conflito de gerações entre jovens e velhos guerreiros.

18/09 Sessão Primavera Indígena

Ara Pyau: A Primavera Guarani (2018) 76 min, Documentário SP, de Carlos Eduardo Magalhães.

A menor reserva indígena do Brasil, a Tekoa Pyau sofre por sua proximidade com os Juruá (ou não indígenas). Uma aldeia dentro da cidade de São Paulo, com 800 Guaranis, que vivem ou sobrevivem, com sua cultura, sua língua e tradições, as contradições do mundo urbano, de periferia, após terem suas terras demarcadas em 2016. Em 2017, pela primeira vez na história do Brasil, acontece um processo de desmarcação de terras. Com forte reação de uma juventude Guarani, guiados pelo espírito de Nanhderu, começam a se organizar para lutar pelos seus direitos. Organizam um protesto na Avenida Paulista com mais de 2 mil parentes de vários estados. E por 24 horas ocupam o saguão do prédio do escritório do Presidente da República, entoando cantos ininterruptos. “Uma verdadeira pajelança na Avenida Paulista. De dentro do movimento indígena, conhecemos esse povo, que habita uma metrópole e é desconhecido para a grande maioria da população”, diz Luiz Joaquim.¹⁸

O cinema indígena é de grande importância para a desconstrução dos mitos sobre os povos indígenas, uma vez que visualizar a grande diversidade e riqueza do mundo indígena brasileiro na atualidade, bem distante dos mitos coloniais celebrado em nossas escolas no Dia do Índio, pode ter maior efetividade para mudar a visão prevalente sobre este ‘índio vivo’ que habita o Brasil do século 21, nas reservas, nas aldeias, nas cidades, em barracas de lona à beira das estradas, vendendo artesanato nos parques e que não vemos porque preferimos as imagens daquele selvagem, nu, inarticulado, adornado com penas, que consideramos preso nas narrativas românticas e portanto extintos.

Há inúmeras mostras em vários estados do Brasil e em outros países das Américas comprovando que os primeiros habitantes do Brasil não só resistiram aos genocídios do período colonial, aos desterramentos, à destruição de seu meio ambiente e de seu meio de vida pelo desmatamento e poluição dos rios, que continuam a acontecer, mas também que sobrevivem até hoje através da capacidade de resistir e de se adaptar ao mesmo tempo. Hoje eles usam roupas e celular, frequentam escolas indígenas para preservar suas línguas e suas culturas, bem como universidades e cursos de pós-graduação, são rapeiros, escritores, donos de editoras, mantêm páginas na internet e blogs sobre suas culturas, são

cinastas, artistas plásticos, escritores, médicos, advogados e antropólogos.

Filmes e documentários indígenas que abrirão sua mente

Este título de um artigo no site *Visibilidade Indígena*¹⁹ me levou para além da *Mostra*, até alguns filmes que têm aparecido em nossas plataformas da internet e em alguns canais de televisão mais voltados para a cultura, oportunizando que um público maior comece a inteirar-se da situação atual dos índios brasileiros de forma mais realista.

O documentário *Índio Cidadão* (2014), 52 min, de Rodrigo Siqueira, foca a incidência política da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) no Congresso Nacional em 2013, pela manutenção dos direitos constitucionais conquistados diante da investida anti-indígena da Bancada Ruralista - representada naquele momento pela PEC nº 215/2000. A histórica ocupação do Plenário da Câmara dos Deputados no Abril Indígena 2013 foi montada com as incríveis imagens de Kamikia Kisedje e arquivos da TV Câmara.²⁰

Índio Presente (2018) é uma série que foi exibida este ano pelo canal TV Brasil, dirigida por Bruno Villela e Sérgio Lobato, com arte de Denilson Baniwa, animação de Diego Irineu e trilha sonora do Coletivo Teremin. Produzida pela Amazon Pictures, tem 13 episódios de 26 minutos e procura mostrar o índio em diálogo constante com a sociedade contemporânea. Partindo dos estereótipos reproduzidos até hoje sobre as sociedades indígenas, visita dezenas de povos em diferentes regiões do Brasil para “apresentar essa imensa diversidade cultural e linguística invisibilizada”. No cenário atual, de retrocesso de direitos, são apresentadas culturas que não só incorporam a modernidade, mas também a indigenizam.²¹

A série acompanha o cotidiano de dezenas de povos em aldeias de várias regiões do Brasil e mescla a visibilidade dessa rotina com entrevistas. Participam especialistas como os escritores Ailton Krenak e Daniel Munduruku, a jurista Deborah Duprat, o antropólogo Beto Ricardo, o professor José Ribamar Bessa Freire, entre outros.²²

Piripikura (2017), ou “a saga dos índios ameaçados de extermínio” é um longa de Mariana Oliva, Renata Terra e Bruno Jorge exibido pelo Canal Curta este ano. O filme venceu o prêmio de melhor documentário no Festival do Rio e desde então, tem circulado pelo mundo. Foi premiado no importante festival de documentários de Amsterdã e será

exibido na Holanda também para o Festival da Anistia Internacional em Haia, *Movies that Matter* / Filmes Que Fazem a Diferença, de 22 a 30 March 2019. A Anistia vai homenagear pessoas que estão fazendo a diferença no mundo, por sua luta por direitos humanos e civis. Jair Candor, da Funai, está entre os oito homenageados deste ano, informa Luiz Carlos Merten em sua coluna do Estadão.²³

Uma das últimas descendentes da tribo casara-se com um índio de outra tribo da região, aprendido um pouco de português e morava em Rondônia. Ela foi a fonte de algumas informações sobre Pakyi e Tamandua, tio e sobrinho, que há 30 anos vivem um exílio voluntário na floresta, fugindo dos homens brancos. Disputado por grileiros e madeireiras, o território dos dois remanescentes piripkura não foi delimitado, mas criou-se outra figura de posse: a interdição de área. A cada dois ou três anos, a FUNAI precisa provar que eles estão vivos para continuar tendo direito às terras. A equipe de filmagem acompanha Jaci Candor, da FUNAI, na busca dos irmãos para provar que continuam vivos.

Já vi o filme três vezes e sempre me emociono profundamente ante Pakyi e Tamandua que após três décadas de isolamento falam uma língua própria são muito ternos, afetivos entre eles, parecem frágeis – dois indiozinhos minúsculos, nus, mas possuem uma força que os mantêm vivos. Só querem de Jaci a chama quando se apaga, a chama dos piripkuras, que é preciso manter sempre acesa para garantir sua sobrevivência.

Encontra-se no YouTube, um depoimento emocionado do compositor Lenine, “Porque assistir?” em que emocionado, declara “muito triste, inacreditável que esteja acontecendo o que o filme retrata ainda hoje no Brasil”.²⁴

Krenak – Vivos na natureza morta (2017)²⁵ Documentário exibido pelo Canal Futura dois anos após a maior tragédia ambiental da história do Brasil, o rompimento da barragem da mineradora Samarco e a morte do Rio Doce. Tem cinco episódios de 15 minutos que retratam o dia a dia da tribo indígena krenak após o rompimento da barragem do Fundão e a destruição da mais importante bacia hidrográfica da Região Sudeste e mostra os desafios da tribo krenak, que teve sua cultura totalmente devastada pelo desastre ambiental. Protagonizada pelos integrantes indígenas, a série mostra as mudanças nos hábitos e a destruição na herança cultural e na vivência do seu povo pela destruição, morte, questões sociais, econômicas e ambientais, revelando o luto dos únicos índios que

ainda sobrevivem às margens do Rio Doce.

Nota sobre a Cinemateca Capitólio

A *Cinemateca Capitólio*²⁶ é um Espaço Cultural ligado à Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre. Na década de 1990, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre e o Governo do Estado do Rio Grande do Sul iniciaram uma ampla política de revitalização da área central, focada na recuperação de praças e passeios públicos, incluindo também a implantação de equipamentos culturais como forma de resgatar a vida artística do centro da capital. Neste contexto, em 1995, a Prefeitura adquiriu o prédio do antigo Cine-Theatro Capitólio, construído em 1928, visando a sua futura restauração. Por sua relevância arquitetônica e cultural, o prédio foi declarado Patrimônio Histórico do Município de Porto Alegre (em 1995) e do Estado do Rio Grande do Sul (em 2007).

A ideia da criação da Cinemateca Capitólio nasceu em 2001, a partir de uma mobilização inicial da comunidade cinematográfica, representada pela APTC-RS. Em 2003, o projeto toma corpo, através de uma parceria firmada entre a Prefeitura de Porto Alegre, a FUNDACINE – Fundação Cinema RS, e a AAMICA – Associação dos Amigos do Cinema Capitólio, com o objetivo de restaurar o antigo Cine-Theatro Capitólio, transformando-o numa cinemateca, com as funções de preservar, armazenar e difundir a memória do cinema e do audiovisual do Rio Grande do Sul. Ainda em 2003, a FUNDACINE RS, através de convênio firmado com a Prefeitura de Porto Alegre, começou a captar os recursos necessários para a obra, cujo orçamento inicial era da ordem de R\$ 6.500.000,00.

O patrocínio da PETROBRAS, através da Lei Rouanet, no valor de R\$ 4.082.887,35, viabilizou a primeira fase de restauro do prédio, realizada entre 2004 e 2006. Foi uma grande e complexa obra, dividida em duas etapas, compreendendo toda a reforma dos interiores e fachadas do prédio e a sua preparação para receber as instalações e equipamentos de uma cinemateca.

Nos anos seguintes, a FUNDACINE RS continuou trabalhando na busca de recursos para a conclusão do projeto. Em 2010, a Cinemateca Capitólio recebeu o patrocínio do BNDES, com recursos de R\$ 1.110.265,00 destinados aos sistemas elétricos

e de climatização, aquisição de mobiliário e outros equipamentos.

O Prédio

A Cinemateca Capitólio Petrobras é um centro cultural dedicado única e exclusivamente ao audiovisual. O prédio faz parte do imaginário coletivo da capital gaúcha, uma vez que desde 1928 o espaço abrigava um dos maiores e mais conhecidos cinemas da cidade, que funcionou ininterruptamente até 1994. O projeto arquitetônico do prédio da Cinemateca Capitólio Petrobras, realizado ao longo da primeira etapa de resgate e restauração, foi elaborado pelos arquitetos Marcelo Fernandez e Telmo Stensmann, com a supervisão da Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural da Secretaria Municipal da Cultura e do Escritório de Projetos e Obras da Secretaria Municipal de Obras e Viação, e procurou preservar as características originais do edifício, que é tombado pelo município e pelo estado.

A partir do projeto desenvolvido pela Fundação Cinema RS, com apoio do Ministério da Cultura através de patrocínio da Petrobras e BNDES, foram realizados amplos processos de restauração, reciclagem e ocupação, dando origem a um espaço de 1.730 m² de área construída, dispostos em quatro pavimentos (além de um subsolo) e divididos em dois prédios anexos, um destinado à circulação de público e área administrativa e outro, de acesso independente, destinado ao acervo.

Preservação e Memória

A Preservação de Filmes em seus diferentes suportes é um grande desafio para as instituições voltadas a este fim, a constante evolução dos suportes e equipamentos de leituras tornam os registros audiovisuais frágeis e sujeitos a perda de partes das informações ou muitas vezes da informação audiovisual como um todo. A Cinemateca Capitólio possui como um de seus pilares a preservação da memória do audiovisual do Rio Grande do Sul. Seus acervos estão em constante crescimento, assim, o Centro de Documentação e Memória busca preservar de forma adequada os registros audiovisuais e demais documentos correlatos a cinematografia gaúcha e nacional, visando à preservação e a disponibilização para pesquisa. Os filmes e demais materiais recebidos pela Cinemateca passam por um tratamento técnico adequado de acordo com as características

de cada documento, após são arquivados em ambientes apropriados, onde é realizado o monitoramento da temperatura e da umidade relativa do ar, buscando a conservação dos acervos e a preservação da memória para as gerações futuras.²⁷

Notas

¹ Professora Aposentada do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. eloinap-rati@gmail.com

² Em 2016 o X CICLO DE CINEMA NO CANADÁ (NECFURG 09 a 12 de maio) <http://www.nec.furg.br> focalizou os Povos Originários - First Nations - Peuples Autochtones, com a exibição de 3 filmes: As hiper mulheres (2011), direção: Carlos Fausto, Takumã Kuikuro e Leonardo Sette, também exibido pelo Canal Brasil (<https://www.youtube.com/watch?v=Yl6eoty87JM>) um registro do Jamunikumalu, o maior ritual de canto das mulheres kuikuro, no Alto Xingu, no Mato Grosso; *Invisible Nation* (2007), dirigido por Richard Desjardins e Robert Monderie (https://www.onf.ca/film/invisible_nation/) sobre a miséria do povo algonquino do Quebec e *3 Histoires D'Indiens* (2014), dirigido por Robert Morin. (<https://www.youtube.com/watch?v=U0ILU8HLXpg>), histórias de três jovens indígenas contemporâneos, bem menos resignados do que seus pais.

³ Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), graduado em História (Licenciatura e Bacharelado) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Especialista em Arqueologia Brasileira pelo Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB). É pesquisador associado do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT) e do Laboratório de Arqueologia e Etnologia (LAE) da UFRGS. É sócio pós-graduando da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e sócio colaborador da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB).

⁴ <https://www.ufrgs.br/ppgas/nucleos/nit/>

⁵ <http://visibilidadeindigena.blogspot.com/2013/10/a-arte-de-denilson-baniwa.html>

⁶ <https://osbrasisesuasmemorias.com.br/biografia-iracema-nascimento-kaigang/>

⁷ <https://www.forumdoc.org.br/movie/ava-yvy-vera/>

⁸ <https://vertentesdocinema.com/2017/11/21/critica-ava-yvy-vera-terra-do-povo-do-raio/>

⁹ Ex-Pajé. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UC229li_7ro5Iv44zW_mgTQw

¹⁰ <https://www.cartacapital.com.br/cultura/ex-paje-e-a-teimosia-da-pajelanca>

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=eloP6BwHlg8>

¹² <http://cinefestivais.com.br/manuela-andrade-fala-sobre-o-curta-fantasia-de-indio/>

¹³ <https://www.gob.mx/cultura/prensa/el-maiz-en-tiempo-de-guerra-una-reflexion-sobre-la-importancia-del-grano-para-los-pueblos-originaarios-de-mexico>

¹⁴ Disponível pelo YouTube em 2014 (<https://www.youtube.com/watch?v=edKtJmY65wM>) e pelo Vimeo em 2018 (<https://vimeo.com/ondemand/bicicletasdenhanderu>, por 2\$)

¹⁵ Cenas do filme com comentários da cineastas em off em <https://www.youtube.com/watch?v=xkDYMfIT2Mc>

¹⁶ Disponível no Canal Curta! -2016 <https://www.youtube.com/watch?v=BhcxJQJyUA>

¹⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=VPhVQl7StgM>

¹⁸ <https://www.cinemaescrito.com/2018/01/12672/>

¹⁹ <http://visibilidadeindigena.blogspot.com/2017/03/filmes-e-documentarios-indigenas-que.html>

²⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=Ti1q9-eWtc8>

²¹ <http://tvbrasil.ebc.com.br/indiopresente>

²² <http://revistadecinema.com.br/2018/04/serie-documental-indio-presente-estrela-na-tv-brasil/>

²³ <https://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema.piripkura-a-saga-dos-indios-ameaçados-de-extermínio,70002235478>

²⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=oKwRZp9fa1Q> (09/03/2018)

²⁵ <http://futura.org.br/institucional-2/futura-estrela-krenak-vivos-na-natureza-morta/>

²⁶ Mais informações sobre este espaço cultural: em AXT, Gunter. Cine-Theatro Capitólio: um olhar em transformação. Porto Alegre: Fundacine, 2007.

²⁷ https://pt.wikipedia.org/wiki/Cine_Theatro_Capit%C3%B3lio